

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira
Clube de Cinema da Bahia

4 - Setembro - 1965

"OS PRIMOS"

("Les cousins")

FICHA TÉCNICA:

Realização	— Claude Chabrol
Argumento e roteiro	— Claude Chabrol
Fotografia	— Henri Decae
Cenografia	— Bernard Evein e Jacques Saulner
Música	— Paul Misraki
Interpretação	— Jean-Claude Brialy (Paul), Gérard Blain (Charles), Juliette Maynel (Florence), Claude Cerval (Clovis), Guy Decomble Geneviève Cluny.
Produção	— AJYM Films, 1958

Tendo começado pela crítica cinematográfica, assíduo colaborador dos «Cahiers du cinéma», autor, com Eric Rohmer, de um entusiástico ensaio sobre Alfred Hitchcock, Claude Chabrol tornou-se, em 1958, diretor e produtor, com «Le beau Serge» — sem passar pela curta-metragem ou por qualquer ofício menor.

Aos 28 anos (nascera em 1930), participava, com esse filme, na criação do movimento da *nouvelle vague*. Poucas fitas já terão sido feitas com tanta independência para o produtor-realizador quanto «Le beau Serge»: Chabrol nêle gastou quarenta milhões de francos, herdados por sua mulher.

Graças à legislação francesa que premia a qualidade dos filmes, numa inteligente política de ajuda, com os trinta e cinco milhões do prêmio que recebeu pela obra de estréia pôde Chabrol partir para o segundo filme: «Os primos», fundando sua produtora. E continuou usando a fortuna no cinema: desde «Quem matou Leda?» («A double tour»), em 1959, até os filmes mais recentes, ainda desconhecidos no Brasil.

Nas polêmicas que se abriram sobre a *nouvelle vague*, alguns apontaram «Le beau Serge» como o iniciador do movimento. Essa expressão, inventada pelo jornalista Françoise Giroud, para definir uma nova geração cinematográfica francesa, universalizou-se mais, porém, do que seus autores e suas obras. Chabrol, como Roger Vadim, François Truffaut, Chris Marker, Jean-Luc Goddard, Agnès Varda, Louis Malle, todos os outros, ficaram mais conhecidos por ouvir dizer do que pela efetiva visão do que realizaram. Aliás, nunca os uniu uma origem ou uma convicção comum, seus sentimentos, suas idéias, seus estilos sempre foram diferentes, às vezes mesmo contraditórios. Chabrol, por exemplo, ao surgir, tinha toda uma maneira pessoal de olhar a vida. Enquanto «Le beau Serge» mostrava uma aldeia perdida nas montanhas e nela a solidão e a vida difícil arrastando ao embrutecimento e à embriaguês, «Des cousins» pintava com inconformismo agressivo uma certa juventude de grande cidade.

Esse segundo filme, talvez mais brilhante do que o primeiro, é também mais decorativo. Menos rico, acaso mais superficial, não obstante o notável senso do cinema que o distingue, na *mise-en-scène*, na direção dos atores, na montagem. A procura formal compromete por vezes o que poderia levar a um aprofundamento temático.

Segundo Jean Domarchi, «Os primos» não pertence a nenhum gênero determinado, sendo o cinema em liberdade. Se trata aparentemente de dois jovens cujo destino nada tem de exemplar, convida-nos a refletir sobre o trabalho, a sorte, o amor, a morte.

Para Claude Chabrol, contudo, seu filme teria por tema «a asfixia da pureza ao contacto com a sociedade». Quer dizer: malgrado sua admiração por Hitchcock, um cineasta para o qual a gravidade social não existe, Chabrol pesquisa uma explicação para o êrro individual dentro do coletivo. Seu sentido das relações humanas, por isso, é sempre mais agudo do que o de seu mestre.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMO PROGRAMA:

Dia 11 — «Acosado», de Jean-Luc Goddard